

# TRADIÇÃO ORAL

## Tradição Oral: Pétalas da fala transmitidas por caboclos e pretos-velhos

**Por André Sampaio**

Mestrando pela Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-Graduação em Letras.

Área de Estudos de Literatura, Subárea de Literatura Portuguesa

e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

E-mail: andresampaio2000@yahoo.com.br

Deus nosso Pai, que sois todo poder e bondade,

Dai a força aqueles que passam pela provação,

Dai a luz aquele que procura a verdade

Ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus ! Daí ao viajante a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai ! Daí ao culpado o arrependimento, ao Espírito a verdade, à criança o guia, ao orfão o pai.

Senhor ! Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes,

Piedade Senhor, para aqueles que Vos não conhecem, esperança para aqueles que sofrem.

Que Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores, derramarem por toda a parte a paz, a

esperança e a fé.

Deus ! Um raio, uma faísca de Vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes

dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de

amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, Oh bondade; Oh

beleza; Oh perfeição e queremos de alguma sorte merecer a Vossa misericórdia.

Deus ! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós, dai-nos a caridade

pura, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde

se refletirá a Vossa imagem.

(Prece de Cáritas)

Muito se fala, hoje em dia, sobre religiões de pura raiz africana, ou até mesmo de cultos que não sofreram modificações através do tempo. Vários argumentos são usados para desqualificar ou qualificar as religiões, vindas de várias partes do mundo para o Brasil. Procura-se há muito tempo um purismo em forma absoluta. Seja nas religiões mais tradicionais, seja nas mais populares.

Em certa ocasião fui convidado para conhecer um centro de umbanda em Petrópolis, Rio de Janeiro, cuja visita me deixou muito preocupado. Cheguei ao terreiro e como um estudioso da área há muitos anos, procurei num primeiro olhar de respeito, cumprindo todos os preceitos a “casinha” das almas para uma breve saudação. Não encontrei e logo em seguida fui procurar o lugar destinado ao culto das entidades da rua: Exús e Pombogiras. Também não encontrei. Abismado segui meu caminho rumo ao interior do centro, logicamente, procurei o “gongá”, também não encontrei. Na parede central, estavam vários pontos riscados em quadros feitos em gráfica, cada ponto riscado representava um orixá específico: Oxum, Oxalá, Oxossi, Ogum, etc.

Os trabalhos foram abertos e mais uma vez uma surpresa, agora se abria a gira como de costume de outros centros, com os pontos cantados a moda antiga. Entidades foram chamadas, houve o passe, consultas, etc. Tudo como manda a tradição.

No final da cerimônia, curioso como sou, perguntei ao sacerdote onde estavam as imagens tão tradicionais nos centros de Umbanda. Ele me respondeu dizendo que as imagens não faziam parte da umbanda original. Me assustei! Porém, dei seguimento a conversa, e ele me explicou dizendo:

“-Quando a umbanda foi criada, havia milhares de elementos traduzidos e assimilados por ela de outras religiões. Num centro de Umbanda você pode encontrar elementos e símbolos do catolicismo, do candomblé, do Kardecismo e de alguns cultos indígenas. Nossa proposta é fazer uma Umbanda pura, sem misturas, por isso, no nosso centro não há imagens, casinhas, etc. Como nós, existem outras casas seguindo esse caminho”. Acabou a festividade e voltei para casa pensando sobre isso. Como uma Umbanda pura? Umbanda sem gongá? Sem imagens? Sem mistura? Sem seus símbolos?

Bem, através dessas questões todas, parti para uma análise como um estudioso das religiões de matriz africana, muita mais que um admirador da Umbanda propriamente dita. Fui buscar uma lógica para essa transformação, que certamente não ocorre em todos os centros de Umbanda espalhados pelo Brasil. E pensando nisso, lembrei mais uma vez da minha infância, levado por minha família esporadicamente nos centros de umbanda para tomar um passe, rezar, brincar com as crianças no dia de São Cosme e Damião. Lembro-me perfeitamente da roda dos pretos-velhos ou da gira de caboclos cheios de penas, arcos e flechas, folhas de mangueira espalhadas no chão, etc. Ainda hoje, lembro dos pontos cantados que passavam sabedoria, respeito à natureza e aos mais velhos ou até mesmo estórias que os antigos escravos viveram na época da escravidão. Quem nunca ouviu falar de Pai Joaquim, ou Vovó Maria Conga ou Vovó Cambinda, Caboclo Tupinambá, Araribóia, Cabocla Jurema???

O Brasil como já se sabe, é um país rico por ser um espaço onde as culturas se misturam, não deixando rastro, onde se inicia ou termina essa mistura cultural. Uma das coisas mais belas num centro de umbanda é o simbolismo. O gongá, espaço sagrado na parte central do centro de umbanda, representa sua maior riqueza. Nesse espaço, geralmente dividido por prateleiras formando um altar, encontramos imagens, que começam no topo, por uma pomba branca que representa o Espírito Santo, terminando com imagens representativas dos caboclos, pretos-velhos, as laras que são representadas no sincretismo por imagens de santas católicas, as crianças e outras entidades como os ciganos, por exemplo. Diante de tal altar, acontecem os rituais e celebrações tradicionais da religião onde os pontos são cantados e transmitidos sempre através da oralidade.

Diante desse impasse entre ruptura e tradição, já comum na modernidade, penso que em alguns casos vale a pena rever conceitos, já em outros casos como o da Umbanda, já proponho, com esse breve texto, um certo cuidado. Como separar aquilo que nasceu do plural? Como falar de purismo, quando algo nasceu justamente da junção? Penso que no ato de uma suposta insegurança com o futuro procura-se estabelecer regras que fogem um pouco do controle e aí assim, colocam em risco toda uma tradição de costumes. O exemplo que utilizei acima apenas descreve uma experiência que vivi, porém acredito que isso ocorra em outros locais do Brasil. Por se procurar demais a origem, comunidades religiosas ou não, estão perdendo a chance

de desfrutarem do que há de melhor dessa mistura que há no Brasil. Procurando um purismo, acaba-se esquecendo daquilo que é particular e por isso especial. Concluindo essa reflexão trago alguns pontos que remetem primeiramente a minha infância e que são verdadeiros cânticos de sabedoria, que sobreviveram ao tempo e as transformações vindas com a modernidade. Cânticos que são praticamente documentos orais que trazem a riqueza do contato entre culturas. Cânticos que falam das línguas e dialetos, dos costumes, das tradições culturais encontradas dentro e fora do Brasil. Essa coluna é sobre tradição oral, então segue uma boa oportunidade para travar contato com as pétalas da fala transmitidas durante muitos anos pelo povo e pelos santos da Umbanda.

Saravá e viva a cultura brasileira caros leitores!!!!

#### **Caboclos<sup>1</sup>:**

“Vocês estão vendo que encanto tão odara  
 O senhor da bailara é o pai quem me criou  
 Carrega um fundamento tão profundo  
 Aymoré é rei do mundo, Vira-mundo é caçador

E bate no peito caboclo seu brado de guerra  
 No peito, no coração impera a fibra de um leão  
 E a bela Janaina feiticeira  
 Fez magia a noite inteira pra ganhar seu coração

Kiô Kiô  
 Aymoré é rei do mundo Vira mundo é caçador”

“Bumba na calunga  
 Ele é caboclo  
 Ele é flecheiro  
 Bumba na calunga  
 É matador de feiticeiro



<sup>1</sup> As entidades denominadas de caboclos que apresentam-se nos terreiros de Umbanda como espíritos com um grau espiritual muito elevado, existem diversas linhas de atuação que um caboclo pode se apresentar diante de seu médium. Linha refere-se às essências da hierarquia de DEUS, os Sagrados Orixás. Se muito evoluídos diante dos ditames de DEUS, em sua prática efetiva da benevolência podem, inclusive, atuar sob a outorga de mais de um Orixá essencial, ou seja, apresentando-se como um Caboclo de Oxossi, Ogum e Xangô ao mesmo tempo, atuante nas três vibrações ou mais. Entidades guerreiras, os caboclos são espíritos de índios brasileiros e sul-americanos, apresentam-se como verdadeiros conselheiros, ensinando a amar ao próximo e a natureza, são entidades que tem como missão principal o ensinamento da espiritualidade.

Bumba na calunga  
Quando eu vai firmar meu ponto  
Bumba na calunga  
Eu vai firmar é lá na Angola  
Bumba na calunga”

“Um instante meus irmãos  
Eu vos quero saudar  
Há muito que aqui ando  
Querendo vos ajudar

Sou filho de Urutã  
Nas matas onde eu nasci  
Lá recebi o nome  
De Caboclo Tururi

Meu Pai é Caboclo guerreiro  
Minha Mãe é Mamuri  
Quando quiseres auxílio  
É chamar por Tururi

Deus é Pai de todos  
Somos irmãos de Javari  
Quando tiveres demanda  
É chamar pelo Tururi

Quando tiveres demanda  
Dessas que vejo aqui  
Chamai pelo vosso irmão  
O Caboclo Tururi

Que Deus proteja a todos  
E dê forças ao chefe Timbiri  
Pois quem pede nesse momento  
É o Caboclo Tururi

Que o manto da Virgem Mãe  
A todos possa cobrir  
E que debaixo desse manto  
Trabalhe sempre Tururi

Boa noite meus irmãos  
Que a paz fique aqui  
Quem pede nesse momento  
É o Caboclo Tururi”

## Pretos-velhos<sup>2</sup>:

“Bahia ou África  
 Vem cá, vem cá, vem cá  
 Força baiana  
 Força africana  
 Força divina  
 Vem nos ajudar”

Dá licença Pai Antônio  
 Que eu não vim lhe visitar  
 Eu estou muito doente  
 Vim pra você me curar  
 Se a doença for feitiço  
 “Bulalá em seu gongá  
 Se a doença  
 For de Deus ai  
 Pai Antônio vai curar  
 Coitado de Pai Antônio  
 Preto Velho curandô  
 Foi parar na detenção ai  
 Por não ter um defensor  
 Pai Antônio é quimbanda, é curandô  
 Pai Antônio é quimbanda, é curandô  
 É pai de mesa, é curandô  
 É pai de mesa, é curandô  
 Pai Antônio é quimbanda, é curandô  
 Pai Antônio é quimbanda, é curando”



<sup>2</sup> São entidades desencarnadas que tiveram pela sua idade avançada, o poder e o segredo de viver longamente através da sua sabedoria, apesar da rudeza do cativo demonstram fé para suportar as amarguras da vida, conseqüentemente são espíritos guias de elevada sabedoria geralmente ligados à Confraria da Estrela Azulada dentro da Doutrina Umbandista do Tríplice Caminho (AUMBANDHAM - alegria e pureza + fortaleza e atividade + sabedoria e humildade), trazendo esperança e quietude aos anseios da consulência que os procuram para amenizar suas dores, ligados a vibração de Omolu, são mandingueiros poderosos, com seu olhar sereno sentado em seu banquinho, fumando seu cachimbo, benzendo com seu ramo de arruda, rezando com seu terço e aspergindo sua água fluidificada, demandam contra o baixo astral e suas baforadas são para limpeza e harmonização das vibrações de seus médiuns e de consulentes. Muitas vezes se utilizam de outros benzimentos, como os utilizados pelo Pai José de Angola, que se utiliza de um preparado de "guiné" (pedaços de caule em infusão com cachaça) que coloca nas mãos dos consulentes e solicita que os mesmos passem na testa e nuca, enquanto fazem os seus pedidos mentalmente; utiliza-se também de vinho moscatel, com o que constantemente brinda com seus "filhos" em nome da vitória que está por vir. São os Mestres da sabedoria e da humildade. Através de suas várias experiências, em inúmeras vidas, entenderam que somente o Amor constrói e une a todos, que a matéria nos permite existir e vivenciar fatos e sensações, mas que a mesma não existe por si só, nós é que a criamos para estas experiências, e que a realidade é o espírito. Com humildade, apesar de imensa sabedoria, nos auxiliam nesta busca, com conselhos e vibrações de amor incondicional. Também são Mestres dos elementos da natureza, a qual utilizam em seus benzimentos.

“Andei sete noites  
Andei sete dias  
Chegou Maria Mina  
Que veio da Bahia  
Chegou Maria Mina  
Dona de gongá  
Chegou Maria Mina  
P’ros filhos salvar  
Pimenta da Costa  
Azeite de dendê  
Chegou Maria Mina  
Pros filhos benze”

“Baiana com a saia rendada  
Seu tabuleiro tem axé  
A baiana vem requebrando como dança no Candomblé  
Baiana com a saia rendada  
Seu tabuleiro tem axé  
A baiana vem requebrando como dança no Candomblé  
O Bahia, Bahia do senhor do Bonfim, mas oh Bahia  
Peça Oxalá por mim”

#### **Referências Bibliográficas:**

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BERKENBROCK, Volney J. *A Experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1999.

COLETÂNIA Pallas. *Cantigas de umbanda e candomblé. Pontos cantados e riscados de orixás, caboclos, pretos-velhos e outras entidades*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LODY, Raul. *O Povo do Santo: Religião, História e Cultura dos orixás, Voduns, Inquices e Caboclos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.